RESENHA

BAENINGER, Rosana. "Espaço e Tempo em Campinas Migrantes e a expansão do Pólo industrial".Campinas, CMU/UNICAMP, 1996.

Franco Alberto Pasquali[1]

O presente livro "Espaço e Tempo em Campinas", de Rosana Baeninger, mostra como a variável migratória e as movimentações populacionais modificam uma determinada região, alterando o espaço ocupado. Descreve também como a imigração e a emigração contribuem não só na formação de uma população necessária, mas também acabam gerando uma população excedente ao que a cidade comporta e tem capacidade de abrigar.

Beaninger demonstra no primeiro capítulo de seu livro que a urbanização e o grande salto no desenvolvimento campineiro se deu com a instalação da cultura do café na região, tornando a área uma das mais ricas do país e a mais rica do estado de São Paulo. A economia cafeeira necessitava de uma grande infra-estrutura para crescer, sendo assim as cidades se desenvolveram conforma as necessidades da economia, que eram muitas. Após a etapa da economia cafeeira o outro grande desenvolvimento ocorreu com a industrialização do estado. A região de Campinas beneficia-se então da estrutura deixada pelo setor cafeeiro para desenvolver o setor secundário e como consequência o setor terciário. Com a malha viária desenvolvida da região, as indústrias se desenvolveram rapidamente e os movimentos migratórios em direção às cidades desta região, aconteceram em grande escala. A única região que recebia maior contingente populacional que Campinas era a região metropolitana de São Paulo, região mais industrializa-

1 Bolsista de Iniciação Cientifica CEAP/PUC-Campinas, aluno do curso de Ciências Econômicas da Faculdade de Ciências Econômicas, Contábeis e Administrativas da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (FACECA/PUC-Campinas).

da do país. Campinas consolida-se então como a capital do interior, e apesar da proximidade com a capital do estado atraía grandes contingentes populacionais.

No capítulo dois acompanhou-se a importância dos movimentos migratórios e suas causas para a região. A economia do açúcar, em 1790, foi a primeira fase de atração de trabalhadores para a cidade. Estes ainda eram escravos e até o movimento emancipador representavam metade da população campineira. No inicio da economia cafeeira, que ocorreu ainda no cultiva da cana-de-açúcar, o trabalho escravo começa a ser substituído pelo migrante estrangeiro, este não deu certo na primeira tentativa por intervenção dos governos, que não admitiam a forma de vida que o imigrante levava nas fazendas, sendo comparados a escravos. A cidade então passa a receber migrantes americanos que trouxeram consigo a cultura de algodão desenvolvendo e ampliando o mercado. Na década de 1880 os imigrantes passam a vir trabalhar nas lavouras de cana-de-açúcar num sistema de colonato, que permitia melhores condições de vida ao migrante europeu. A partir daí os movimentos migratórios em direção às lavouras do oeste explodiram em crescimento até 1889, quando houve na região uma epidemia de febre amarela, afugentando grandes comunidades e esvaziando a sede do município, muitas cidades se desenvolveram com esta população que emigrou de Campinas. A epidemia foi controlada em menos de um ano e a cidade retoma a fase de crescimento. No século XX o município começa a sentir os sintomas da crise do café que viria mais tarde, os imigrantes não chagavam mais na quantidade que vinham anteriormente e o estado cresce a uma taxa maior que a da cidade. Com o movimento de industrialização a capital dá um salto impressionante e crescia quatro vezes mais que Campinas. Percebe-se a importância dos movimentos migratórios de origem estrangeira no processo de industrialização, 80% dos industriais do estado eram de origem européia. A industrialização campineira só começa na década de 20, quando o café já sofre com a crise de 1929.

O processo de industrialização paulista, discutido pela pesquisadora ainda no segundo capítulo, traz consigo o processo de urbanização das cidades, na metade do século XX apenas um terço da população residia em áreas rurais. Campinas se beneficiou do capital deixado pela economia cafeeira para implantar o seu parque industrial, a barata mão de obra herdada também contribuiu, fazendo com que a cidade se tornasse o segundo maior núcleo manufatureiro do estado. Com o processo de urbanização crescente sentiu-se a necessidade de regular o crescimento. Surge assim o plano Prestes Maia, que veio contribuir para que a cidade não tivesse favelas e a sua distribuição espacial não ficasse comprometida. O final do processo acelerado se dá em 1955, mas os movimento migratórios em direção ao estado ainda são intensos, principalmente para a região metropolitana que recebeu muitos migrantes nordestinos e mineiros. A cidade de Campinas se desenvolvia de forma bastante organizada, possuía uma das menores taxas de mortalidade infantil do país, os setores que mais cresciam eram os secundários e terciários, o setor primário da economia representava cada vez uma parcela menor e tinha menos espaço. A partir de 1950 ocorre o processo de industrialização a nível nacional. O estado de São Paulo recebe investimentos de capital estrangeiro e passa a possuir um moderno parque industrial, com pesados investimentos governamentais e sendo assim a região de Campinas, forte pólo industrial, passa a ser alvo dos imigrantes. Porém os migrantes vindos para Campinas e região não possuíam as mesmas características dos que migraram para a capital. Para Campinas vinham pessoas mais instruídas, talvez por que nesta cidade se localizam duas universidades e centros de pesquisa de alta tecnologia, o que exige uma mão de obra mais qualificada. Também é diferente a origem dos migrantes, enquanto São Paulo recebeu uma grande quantidade de pessoas do norte e principalmente do nordeste do país os migrantes que vinham para Campinas eram na sua maioria do Paraná, Minas Gerais e Mato Grosso do Sul. A partir de 1967 a cidade começa a sofrer as conseqüências de um excesso de mão de obra e do cresci-

mento desordenado, a especulação imobiliária torna as propriedades muito caras e as favelas surgem. O problema do desemprego gera violência e o controle foge das mãos dos governantes. Os migrantes são considerados culpados pela mídia e pelos governantes. Nesta época, Campinas já se tornara a maior cidade do interior paulista e uma importante metrópole do Estado de São Paulo.

No terceiro e último capítulo, Rosana Baeninger expõe a importância que a criação das 43 regiões de governo do estado, criadas durante o governo de Franco Montoro, tiveram no processo de descentralização industrial da capital. Esta descentralização trouxe investimentos e incentivos para a instalação de grandes empresas, formando assim outros pólos industriais no estado. A instalação de novas empresas criou uma grande demanda de mão de obra, desta forma, os pólos industriais do interior passaram a atrair grandes contingentes populacionais. Durante as décadas de 70 e 80 mais da metade dos municípios do estado apresentaram saldos migratórios positivos, a região de Campinas era o segundo pólo industrial do estado. A região de governo de Campinas destacou-se pela urbanização das cidades, que aconteceu muito rapidamente para abrigar o contingente populacional que chegavam para trabalhar. As cidades que situam-se próximas à via Anhangüera foram as que mais receberam população, pois várias indústrias situam-se às margens desta estrada. A maioria dos migrantes que a região de Campinas recebeu vieram de cidades do próprio estado, com destaque para a Região metropolitana de São Paulo. As migrações intra-estaduais representaram cerca de um terço do movimento migratório. Baeninger conclui também em seu estudo que as famílias que vieram para a região possuíam filhos com mais de 5 anos de idade, e um grande número de pessoas com mais de dez anos de residência na cidade, o que evidencia um movimento migratório já na década passada. O movimento caracteriza-se também pelo fato dos migrantes, na sua maioria serem de origem urbana, o que elevava o nível de escolaridade dos migrantes que vinham para a região. Ape-

sar disso a maioria tinham um grau de escolaridade muito baixo ou nenhum, principalmente os que vinham do Oeste do estado. Campinas registrou também uma emigração em direção a RMSP, mas nos saldos migratórios a cidade estava crescendo. A maior parte das populações vindas desta região para Campinas tinha um bom nível de instrução, e eram atraídas para trabalhar principalmente em áreas técnicas e de pesquisa. É proposta então a criação da região metropolitana de Campinas, que contaria com treze municípios.

O processo de periferização da cidade sede da região ocorre com a valorização do solo urbano causado pela especulação imobiliária, desta forma a população de mais baixa renda é jogada para fora do município criando as áreas periféricas. Estas regiões caracterizam-se como cidades dormitórios, como é o caso de Sumaré na região de governo de Campinas. Ocorre nestas regiões o que chamamos de movimentos pendulares, são pessoas que moram em um determinado município e trabalham em outro. A maior parte dos movimentos pendulares em direção a cidade de Campinas são de origem das cidades limítrofes, os movimentos pendulares que saem de Campinas em direção as outras regiões representam apenas 20% deste tipo de movimento, e se dirigem para a RMSP. A situação dos migrantes na região de Campinas é muito drástica, os empregos já não são mais abundantes e muitos deles acabam não podendo trabalhar por falta de oferta de emprego e falta de qualificação profissional. Os migrantes servem ainda como "bodes expiatórios" para o problema do desemprego e dos problemas urbanos da cidade, algumas administrações chegam a expulsá-los da cidade pagando a passagem de volta a sua cidade de origem. O problema habitacional sem dúvida é o maior problema que os migrantes enfrentam, pois as Prefeituras não conseguem suprir a demanda por habitação e quando constroem conjuntos habitacionais a cidade recebe mais migrantes, agravando ainda mais o problema.

Este trabalho realizado pela pesquisadora Rosana Baeninger NEPO/UNICAMP, é de extrema importância para o entendimento da história

da região de Campinas, pois possibilita que possamos entender de que forma as cidades que compõem esta região se desenvolveram e por que possuem os problemas atuais. Auxilia-nos em idéias e ações sociais para a melhoria de vida da população bem como no desenvolvimento urbano e econômico da, região para que ela continue sendo uma região dinâmica e com boa qualidade de vida.